



Quem são as mulheres em *Sapupema*, de José Potyguara? Um encontro entre feminismo e pós-colonialismo

Laura Mariano de Christo¹
Miguel Nenevé¹

RESUMO:

Ler a obra *Sapupema* (197-), um compilado de contos escritos por Potyguara, significa ter a presença constante de personagens femininas e histórias que direcionam o leitor a um desvio do que comumente se pensa sobre as mulheres. Através do feminismo e do pós-colonialismo é possível analisar quem são essas mulheres. À luz destas perspectivas, examinamos as (des)construções de gênero e a polarização entre masculino e feminino; além da subalternidade e o perigo da história única. Assim, dois contos da obra *Sapupema* são analisados a fim de estimular questionamentos sobre as narrativas. Como resultado, vemos que o discurso de Potyguara torna-se uma denúncia pelo fato de despertar o questionamento sobre uma narrativa contrária às mulheres.

PALAVRAS-CHAVE:

Sapupema;
Feminismo;
Pós-colonialismo;
Literatura;

Os autores:

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).
E-mail: lauramchristo@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2052-4365>

² Professor Associado IV do curso de Letras Inglês Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Letras (Inglês e Literaturas Correspondentes) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: neneve@unir.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9792-1134>

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa originou-se nos estudos para o mestrado em Letras, devido à necessidade de ampliar os horizontes sobre conhecimentos da região amazônica e de textos não canônicos como os de José Potyguara (197-; 2007). Além disto, os questionamentos sobre a figura das mulheres nortistas – principalmente as que se encontram nos seringais¹ acreanos – tornaram-se o foco para a pesquisa após as leituras de *Terra Caída* (2007), de Potyguara, e *A Selva* (1991), de Ferreira de Castro (1898 – 1974). Para isto, buscamos apoio na crítica feminista de Virginia Woolf (2014)² e Kate Millett (2016)³ com o propósito de proporcionar uma descolonização de conhecimento (PRATT, 1999)⁴ em diálogo com o pós-colonialismo em Albert Memmi⁵ (1977), Aimé Césaire⁶ (2000), dentre outros. No decorrer deste breve estudo, relacionamos pontos históricos e teóricos em conjunto com os dois contos de José Potyguara em *Sapupema* (197-).⁷

Um dos contos chama-se *Evas*: o segundo da obra *Sapupema* (197-). As cinco páginas contam a história de um seringueiro que havia acabado de falecer, Mané Gonçalo. Uma cobra surucucu pica o velho seringueiro e mata-o, como consequência, o homem deixa a esposa sozinha. A viúva era uma moça jovem que havia casado com Mané Gonçalo na Paraíba. Entretanto, a história não foca especificamente em Mané Gonçalo e a viúva. O tom deste conto, na verdade, parece direcionado ao papel coadjuvante e objetificado das mulheres, principalmente, pelo fato de que nem ao menos o nome de alguma mulher é citado na história.

A narrativa foca, na verdade, em uma *insignificância histórica* direcionada às mulheres por não apresentar nenhuma característica e personalidade própria para a personagem da viúva; e, também, pelo fato de repetir a história de que, naquele tempo e local, as mulheres eram mercadoria rara. Além disto, apenas sabemos que a personagem é uma viúva jovem.

Logo no início do conto, a procura dos seringueiros por *qualquer* mulher se torna evidente: “Quando a canoa, contornando a praia, descortinou a reta do estirão,

¹ Espaço físico de produção da borracha

² Virginia Woolf (1882 – 1941) foi uma escritora, ensaísta e editora britânica.

³ Kate Millett (1934 – 2017) foi uma escritora, artista, educadora e ativista feminista norte-americana.

⁴ Mary Louise Pratt nasceu no Canadá, em 1948. Desenvolve pesquisas sobre Literatura Latino-americana, crítica e teoria literária pós-colonial; mulher e cultura na América Latina; e multiculturalismo. Seus livros incluem *Toward a Speech Act Theory of Literary Discourse* (1980) e *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation* (1992). (Entrevista com Mary Louise Pratt, 2005)

⁵ Albert Memmi é um escritor francês nascido na Tunísia. É responsável por estudos sociológicos em relação à opressão humana.

⁶ Aimé Césaire (1913 – 2008) foi um poeta, dramaturgo, ensaísta e político. Ideólogo do conceito de negritude.

⁷ A segunda edição da obra *Sapupema*, de José Potyguara, não apresenta o ano de publicação. Deduz-se que o ano aproximado seja na década de 70.

um dos remadores levanta-se e grita com entusiasmo: - Eita, rapaziada! Acolá **tem** mulher!” (POTYGUARA, 197-, p. 31). Por isso, entendemos que este conto apresenta uma generalidade em relação às mulheres. Parece que não é necessário saber muito sobre estas mulheres, e isto está exposto na narrativa; para os outros personagens que representam os seringueiros, eles só precisavam saber onde elas estavam e se já *pertenciam* a alguém.

Até então, pensamos que talvez Potyguara não sustente um discurso *descolonizador*, no sentido de ser contrário à opressão das mulheres. Entretanto, há momentos em que percebemos um atributo *irônico* por parte do narrador. Assim, quando este comenta sobre valorização das mulheres nos seringais em determinado trecho, vemos que não se trata de uma valorização real. O trecho é o seguinte: “Como todo comércio, também aquele sofria a influência da lei de oferta e procura. A escassez, anulando o escrúpulo na seleção, valorizava a mulher, independente de condições de raça, cor, procedência, educação e até higiene.” (POTYGUARA, 197-, p. 32).

O conto *Noivado comercial* é o décimo conto da obra *Sapupema* (197-). Nas sete páginas, a história se desenvolve em torno da família do velho Leocádio e sua dívida com o sírio Elías Bichara. Leocádio já havia vivido tempos áureos, de muita riqueza, ao ser dono de quatro seringais no passado, mas como não respeitava a família nem o uso do seu dinheiro, gastava muito com festas luxuosas e com amantes. De acordo com o narrador do conto, depois de ter perdido muito dinheiro indo atrás de uma amante até a França, o homem tentou fazer dinheiro no comércio da borracha, mas não conseguiu recuperar a situação financeira. A solução que ele encontrou foi obrigar a filha Izaura a se casar com um comerciante a quem devia dinheiro. Ao invés de acatar as ordens do pai, Izaura decide fugir.

De acordo com o excerto, o plano de Leocádio é vender a filha em troca de quitar dívidas: “- E que tem isso com o casamento? – pergunta ela. – Ora filha! Então, não compreendes? Passando ele a nosso genro, a dívida fica em família e faremos uma sociedade para explorar o seringal.” (POTYGUARA, 197-, p. 114). Entretanto, a mãe de Izaura percebe a intenção odiosa de Leocádio e impõe-se contra o plano:

- Isso é uma indignidade! Uma vergonha!... Então, você quer vender a sua filha, a um turco, por trinta contos de réis?... Que qualidade de pai é você? Nunca a estimou, eu bem sabia. Mas francamente, não o supunha capaz de tanto! Mas, eu sou mãe. Criei-a em meus braços, sustentei-a com meu leite. Tenho, ao menos, o direito de protestar contra o ato crapuloso do pai que vai vender a filha! (POTYGUARA, 197-, p. 114)

As narrativas ficcionais dos contos de Potyguara se passam no estado acreano, ao norte do Brasil. Historicamente, o interesse por este território, que até então, não

era conhecido como estado do Acre, aconteceu devido à demanda de borracha pelos países europeus industrializados. Em determinado momento da história, o território, que hoje é o Acre, pertenceu à Espanha e, depois, tornou-se parte da Bolívia. De acordo com o historiador Arthur Cezar Reis, em *O Seringal e o seringueiro* (1953), o Acre se constituía de espaços considerados *tierras no descubiertas* (REIS, 1953, p.31), sem muita vigilância, onde havia procura e extração das “drogas do sertão” que deram mais forças ao início do ciclo gomífero. A borracha já era conhecida devido ao processo de invasão e pela coleta de amostras da *Hevea brasiliensis* (seringueira), feita por Charles Marie de La Condamine, no século XVIII.

Assim, segundo Cristina Wolff, em *Mulheres da Floresta* (1999), no século XIX, na Europa, a borracha tornava-se matéria-prima importante para a indústria (1999, p. 44). Para Wolff, “foi em razão da exploração da borracha que se definiu a ocupação de toda a região dos altos rios da Amazônia, especialmente a que constitui hoje os estados do Acre e Rondônia, onde as seringueiras (*Hevea brasiliensis*) eram mais concentradas e produtivas.” (p.45). Com a presença crescente de exploradores brasileiros e conflitos nas fronteiras, em 1903, o Acre integra-se ao Brasil através do Tratado de Petrópolis.

Os primeiros seringueiros que se estabeleceram no extremo-norte do Brasil saíram do sertão nordestino, sendo um dos *motivos de expulsão* (WOLFF, 1999, p. 47) a seca de 1877, mas migração que já ocorria desde os anos 60 desse século. Sobre o êxodo de nordestinos em direção à Amazônia, Reis afirma:

Por esse tempo, o Nordeste ardia nas agruras de uma seca violenta, que lhe esgotava os mananciais d’água, matava as culturas e o gado, aniquilava a população dos sertões, forçando a retirada de milhares de indivíduos, que padeciam os horrores do verdadeiro inferno. Para a Amazônia, deslocou-se, em poucos dias e levados para novas colônias que o presidente Agesislao Pereira da Silva criara no Solimões e rio Negro, em breve as abandonaram, procurados pelos seringalistas, pelos aviadores que os conduziam à exploração do ouro negro. (REIS, 1953, p. 34)

Com o objetivo de promover um breve conhecimento sobre o escritor, de acordo com as palavras de Djalma Batista, na segunda edição do livro *Sapupema* (197-), José Potyguara (1909 – 1991) foi “uma legítima vocação de ficcionista perdida no antigo Território do Acre ou, mais precisamente, entre os rios Tarauacá e Envira”. Segundo Batista, o autor era filho de cearenses e o seu pai foi um dos pioneiros da exploração da região. Tornou-se promotor de justiça e exerceu o cargo entre Feijó e Seabra até fins da década de 30, no estado acreano. Após a extinção do Termo em que servia, José Potyguara transfere residência para o Rio de Janeiro e, anos depois, volta ao Acre, como promotor da capital. Djalma Batista apresenta dois momentos

da vida de Potyguara: um deles em Tarauacá, lugar em que se torna patente a vocação literária de Potyguara por proferir conferências e criar a revista *Alma Acreana*; o outro ambiente que moldou e inspirou Potyguara foi o Rio de Janeiro. Estimula-se pela convivência com outros literatos e publica os contos *Sapupema* em 1942, sua 1ª edição.

Por conseguinte, este estudo não pretende finalizar os questionamentos sobre Potyguara, mas fomentar uma discussão através da literatura e analisar a narrativa sobre as mulheres na ficção *Sapupema* (197-) através das perspectivas da crítica feminista e dos estudos pós-coloniais.

2. AS HEREGES OCIDENTAIS

Visto que é necessária uma recapitulação histórica sucinta sobre o contexto cultural e social das mulheres para a análise dos contos de Potyguara (197-), entendemos que o envolvimento entre o domínio greco-romano com o cristianismo pode ter disseminado uma cultura opressora e patriarcalista no ocidente. A escritora Carla Garcia⁸ discorre em *Breve história do feminismo* (2015) que a mitologia e a religião são bons exemplos para mostrar o que acontece no contexto cultural, social e histórico. Ela conta como, na Grécia Clássica e na tradição judaico-cristã, Pandora e Eva desempenham os mesmos papéis: demonstrar que a curiosidade feminina é a desgraça dos homens no Paraíso. Mary Beard⁹ em *Mulheres e poder: um manifesto* (2018) comenta sobre o primeiro registro de um homem mandando uma mulher *calar a boca* e afirmando que a voz dela não deve ser ouvida em público. Beard conta a história de Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope em Odisseia. O que marca o crescimento de Telêmaco é o momento em que manda a própria mãe de volta aos aposentos quando esta queria que um bardo mudasse as canções de heróis de guerra para outras com temas mais felizes.

Outro indício de silenciamento das mulheres está na religião judaico-cristã. Dependendo da interpretação para alguns versículos bíblicos, pode-se culminar na perpetuação da relação de poder do homem sobre a mulher. Por exemplo, o apóstolo Paulo escreveu aos Efésios: “as mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher (...)” (Efésios 5: 22-24). Por coincidência, um dos contos analisados chama-se *Evas*, e nessa narrativa, não se especifica o nome de nenhuma mulher e não há referência de nenhum Paraíso.

⁸ Carla Garcia é mestra e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-doutorada pelo Instituto José Maria Mora.

⁹ Mary Beard é professora na Universidade de Cambrigde. Responsável pela obra *Women & Power: A manifesto* (2017).

De acordo com as nossas leituras, trata-se de uma ironia em relação ao que acontece com as mulheres no seringal. Desta forma, é possível associar a história religiosa de Adão e Eva – que acusa a mulher de cometer o pecado original - ao conto *Evas*, pois carrega esta analogia de que as mulheres do seringal seriam as filhas de Eva, culpadas e oprimidas a carregarem seus pecados através da invisibilidade e da servidão aos homens. O trecho que aponta este vínculo das mulheres com o título de *filhas de Eva* é o seguinte:

Além da fama nefasta e tradicional que a região gozava, outro poderoso fator concorria para reduzir, ali, ao mínimo o número das filhas de Eva: o critério rigorosamente econômico da povoação dos seringais. Os agenciadores de pessoal iam aos sertões do nordeste, tinham ordem de contratar, preferencialmente, homens solteiros. (POTYGUARA, 197-, p. 32)

Em sua obra *O Segundo Sexo* (1970), Simone de Beauvoir relaciona o que São Tomás de Aquino e Aristóteles expuseram sobre as mulheres e o que eles têm em comum com a questão da inessencialidade imposta à mulher como um ser *destituído de significação* (p. 10). Beauvoir explica a problemática do *Outro* como uma dualidade estabelecida pela alteridade que tende à nefasta atitude de classificações e posicionamentos em que um é definido como o *Outro* – inferior, diferente, estrangeiro, fraco – e o *Um* coloca-se como superior.

Em *Sapupema* (197-), há duas questões sobre a problemática do *Outro*: no conto *Evas*, o *Outro* pode se referir às mulheres, enquanto o *Um* está relacionado aos seringueiros. Entretanto, em *Noivado comercial*, há um teor discursivo diferente do encontrado no conto *Evas*; vemos uma quebra do entendimento de que as mulheres estão fadadas à subalternidade. No caso, na última página do conto *Noivado comercial*, Izaura (ou Isaura) volta-se contra a decisão do pai que a obriga a casar-se com um homem.

[...] Bate com força. O mesmo silêncio. Aflito, chama dois homens e manda por a porta a dentro. Ninguém no quarto. Sobre uma cadeira, junto à janela aberta, o véu, a grinalda, os sapatos brancos, o vestido da noiva e um lacônico bilhete: “Papai, vou, com Ricardo, para a cidade, onde casaremos amanhã. Amor não se compra, Isaura”. (POTYGUARA, 197-, p. 117)

Ainda sobre a discussão sobre o *Outro*, a escritora ítalo-estadunidense Silvia Federici¹⁰, em *Calibã e a bruxa* (2017), evidencia o estigma que por muito tempo, e até hoje, as mulheres carregam ao serem vistas como esse *Outro*. Federici faz uma retrospectiva histórica sobre a mulher e a Idade Média, principalmente, no período de caça

¹⁰ Silvia Federici é uma professora, escritora e ativista feminista ítalo-estadunidense.

às bruxas. Ela destaca que as mulheres eram insignificantes para a Igreja. Já as seitas enfatizavam o contrário; algumas formavam suas próprias comunidades e mantinham trabalho sem controle masculino e monástico (2017, p. 83).

Segundo Federici, a relação das mulheres com os movimentos heréticos no período medieval não era por acaso. Desde revoltas na França e Itália, no século X e XI, até a Inquisição, as mulheres estiveram presentes e “algumas delas foram queimadas na fogueira, outras foram ‘emparedadas’ para o resto de suas vidas” (FEDERICI, 2017, p. 84). No final século XV, na Europa, acontece o fortalecimento de uma política sexual contra as mulheres. A criação da imagem de mulheres como bruxas faz parte de uma propaganda na Europa “com o objetivo de gerar uma psicose em massa entre a população” (FEDERICI, 2017, p. 299). Por conseguinte, entendemos que a caça às bruxas foi uma iniciativa política e religiosa:

A Igreja católica forneceu o arcabouço metafísico e ideológico para a caça às bruxas e estimulou a sua perseguição, da mesma forma que anteriormente havia estimulado a perseguição dos hereges (FEDERICI, 2017, p.302)

No Brasil, a luta das mulheres não era somente contra a ideia da submissão proveniente de religiosos, mas também de aspectos políticos – assim como na Europa. Da mesma forma, a ideia do *Outro* era aplicada às mulheres brasileiras. Entretanto, ao invés de apresentarmos uma narrativa que mostre o quanto estas mulheres brasileiras sofreram, é necessário expor a história de resistência, mesmo que de maneira breve.

Assim, Maria Amélia Teles¹¹, em *Breve história do feminismo no Brasil* (1999), discursa sobre as mulheres no Brasil Colônia, no período de 1500 a 1822. Segundo Teles, as mulheres indígenas eram muito diferentes em seus costumes; acreditamos que isso se deve também ao fato de que o Brasil era composto por centenas de etnias. Algumas destas mulheres serviam e outras chefiavam; além disto, havia a poligamia e monogamia entre os indígenas.

Outro capítulo da obra sobre o feminismo no Brasil engloba o Império (1822-1889). Seguente à coroação de Dom Pedro I ocorre a renúncia após erros políticos; a situação caótica culmina no surgimento de revoltas sociais. Aparecem, então, mulheres que se revoltam contra o Império, como Anita Garibaldi; mulheres que exigem o acesso à educação; e as primeiras feministas brasileiras. À mulher “competia o papel de dona de casa, esposa e mãe” (TELES, 1999, p. 28), mas algumas delas não seguiram

¹¹ Maria Amélia de Almeida Teles foi militante política brasileira, membro do PCdoB à época da guerrilha do Araguaia, durante o período do regime militar. É ativista feminista, responsável pela obra *Breve história do feminismo no Brasil* (1999).

este caminho. Por exemplo, Maria Amélia de Queiroz e Nísia Floresta Brasileira Augusta defendiam a abolição da escravatura, sendo a segunda uma das primeiras feministas do país.

Ao delinear o panorama da mulher na República Velha (1889 – 1930), a historiadora escreve sobre trabalho assalariado, cidades em crescimento, a burguesia enriquecendo às custas da exploração do proletariado, marginalização do povo negro devido à abertura da indústria para a mão-de-obra branca europeia. Compreendemos que as mulheres negras, por exemplo, eram duplamente exploradas, pois elas proviam a sobrevivência da família. A partir de 1906, ocorrem as primeiras greves em fábricas de São Paulo com a participação de mulheres pela reivindicação de melhoria do pagamento. Podemos perceber que no Brasil, os nomes de mulheres que lutaram contra um sistema opressor não são desconhecidos. Apesar de pouco comentado, estas mulheres estiveram presentes na história de resistência do país.

3. AS MULHERES NO SERINGAL: REALIDADE E FICÇÃO

Há tempos, a realidade nos seringais é conhecida pela solidão dos homens nas florestas. O historiador Leandro Tocantins ¹²(1928 – 2004) em sua obra sobre o território acreano discorre: “Um homem só. Ele e a floresta. Ele e a árvore da seringa. Ele e a borracha. Ninguém. Mulher, naqueles tempos, não havia, no Acre todo. Era privilégio de pouquíssimos” (TOCANTINS, 1979, p. 166). Entretanto, segundo os estudos da pesquisadora Cristina Wolff (1999), as mulheres estavam presentes nos seringais em número considerável também. A problemática é pensar que as mulheres não estiveram no ambiente dos seringais, ou pensar que as que estiveram nestes lugares limitavam-se aos espaços domésticos, ou à objetificação para satisfação dos homens nos terrenos inóspitos dos seringais.

Ao relatar suas observações e estudos, Arthur C. Reis¹³ (1906 – 1993) apresenta a segunda questão em relação à presença de mulheres: de que elas eram objetos como qualquer outro que os seringueiros pediam aos seus patrões ou que compravam nas casas aviadoras.

Os seringueiros, no seu infortúnio, encomendavam aos ‘patrões’ e estes às ‘casas aviadoras’, mulheres, como encomendavam gêneros alimentícios, utensílios, roupas, etc. Verdadeiras mercadorias, entravam nas contas, escrituradas pelos guarda-livros como quaisquer outros objetos de uso diário. (REIS, 1953, p.123).

¹² Leandro Tocantins (1919 – 2004) foi um escritor, jornalista e historiador brasileiro.

¹³ Arthur C. Reis (1906 – 1993) foi um político e historiador brasileiro.

No conto *Evas*, há uma relação entre a realidade e a ficção pelo fato de que a viúva se encontra no mesmo nível que a canoa, as pelias de borracha e a mala. O mesmo verbo (*carregar*) utilizado para se referir à mulher está relacionado aos objetos roubados por Lucas. O trecho abaixo enfatiza o nome e os sentimentos dos dois homens – Lucas e Manoel Gonçalo – porém, expõe a insignificância da viúva.

Por insistência da viúva, deitara-se ali, para descansar um pouco. Enquanto ele dormia, o Lucas voltou e, na qualidade de **grande amigo** e compadre do Manoel Gonçalo, fez-se também seu único herdeiro, carregando-lhe a viúva, a canoa, as quatro pelias de borracha e a mala com dois contos de réis. (POTYGUARA, 197-, p. 39)

É interessante como Potyguara enfatiza uma *insignificância histórica* em relação às mulheres, porém propõe um discurso diferente àquele comentado em sua escrita, como: *naquele tempo, mulher era fruta rara* ou *mulher é mercadoria*. O teor discursivo do escritor parece uma constante contradição, mas vemos que há a possibilidade de se tratar de uma denúncia contra a própria insignificância imposta às mulheres devido à criação de personagens que confrontam os estereótipos e construções de gênero.

Ainda assim, o escritor não deixa de lembrar a narrativa comum sobre as mulheres: “Não raro, com as turmas de pessoal, os agenciadores levavam para os seringais algumas mulheres, infelizes criaturas que, reduzidas à humilde condição de mercadoria, eram **cedidas**, mediante indenização do preço da passagem acrescido de algum lucro.” (POTYGUARA, 197-, p. 32). Além do mais, o narrador apresenta escolhas de palavras interessantes quando retrata o destino fatídico de muitas mulheres, como: *humilde condição*; *infelizes criaturas*, dentre outras.

Wolff (1999) aponta para uma outra situação em relação à presença das mulheres nos seringais e ao que elas faziam. Em sua tese, a pesquisadora mostra com dados retirados de órgãos públicos o contexto social da região do Alto Juruá no Acre. E como conclusão, ela expõe:

Porém através de processos judiciais, entrevistas e outras fontes de pesquisa podemos saber que não era bem assim. Que embora até pudessem ser vistas por alguns como mercadorias, as mulheres, dentro das possibilidades colocadas para elas naquele contexto histórico-cultural, tomavam também suas decisões, resistiam à violência, escolhiam seus parceiros e improvisavam sua sobrevivência numa situação em que seu trabalho não parecia ter valor algum. (WOLFF, 2011, p. 31).

No âmbito da realidade, tanto no seringal quanto em outros espaços, as mulheres procuram resistir ao que é imposto pela sociedade que ainda insiste na polariza-

ção dos gêneros. No contexto da ficção, de acordo com algumas escritoras, há a repetição do mesmo problema que acontece na realidade das mulheres. Em resumo, *um teto todo seu* (2014), de Virginia Woolf (1882 – 1941), aborda a problemática da representação das mulheres na ficção; as personagens femininas são representadas de uma só forma pela tradição imperativa do patriarcado e as escritoras, em comparação com os homens, viviam (ou ainda vivem) um cenário desencorajador no campo da literatura, o que fazia (ou ainda faz) com que o número entre os dois grupos seja assimétrico.

Kate Millett (1934 - 2017) em *Sexual Politics* (2016) denuncia o machismo, patriarcado e sexismo presentes nas obras literárias escritas por homens como Henry Miller¹⁴. A escritora e ativista feminista expõe o teor da insignificância destinada às mulheres representadas em personagens criadas por escritores; além da constante afirmação do poder do homem sobre a mulher.

Na escrita de José Potyguara, percebemos que há perspectivas diferentes em relação às mulheres. Por exemplo, no conto *Noivado comercial*, Izaura é vista pelo personagem sírio Elías como parte de um acordo: “- Goronel tem filha moça... bonita... Eu zimatiza muito sua filha Izaura. Nós casa e depois faz suciadade: goronel entra com seringal, eu entra com mercadoria. Bramissora sua débito desaparece. Fica tudo direitinho, em família.” (POTYGUARA, 197-, p. 111). Entretanto, ao ser retratada pelo narrador, vemos que se trata de uma personagem que está atenta às questões a sua volta e repudia as atitudes do pai:

Izaura sempre teve horror ao pai. Não é ódio, mas uma espécie de tímida repulsa que nela se arraigara desde cedo. De sua infância, em Belém, guarda desagradável lembrança dos beijos que o pai lhe dava, impregnando-lhe o rosto com um insuportável hálito de vinho e sarro. Temperamento seco, habitualmente irritado, Leocádio nunca soube se fazer estimar pela filha. Transformava-se, porém, sob os efeitos do álcool. Era sempre nesse deplorável estado, ao voltar de suas libertinagens, que tinha derrames de ternura para com a menina. Ao invés de atraí-la, causava-lhe asco. Depois, à proporção que crescia, Izaura foi observando muita coisa, embora não pudesse ainda compreender o drama que se desenrolava no cenário doméstico. Várias vezes surpreendeu a mãe chorando. Uma intuição lhe dizia que era o pai o causador daquelas lágrimas. (POTYGUARA, 197-, p. 112)

Em *Evas*, a narrativa constante aponta para uma generalidade em relação às mulheres, não há foco em uma personagem mulher, a não ser a viúva. Como já escrito

¹⁴ Henry Miller (1891 – 1980) foi um escritor norte-americano.

anteriormente, esta não apresenta nome nem ao menos algum traço de sua personalidade ou pensamentos. Há apenas uma visão de fora (de outros personagens) sobre ela.

- Coitado! Era boa criatura o Mané Gonçalo! Deus lhe perdoe os pecados! Bom vizinho, seringueiro trabalhador. Viveu muito tempo solteiro. O ano passado, tirou bom saldo, baixou p'ra Paraíba e voltou casado. Muito satisfeito, me apresentou a mulher. Eu achei o casamento desigual. Ele, com mais de quarenta ano. Ela, menina nova, forte, bonita... Si a surucucu não mata Mané Gonçalo... ele ia morrer de ciúme... (POTYGUARA, 197-, p. 35)

O narrador aproxima-se um pouco da personagem da viúva ao apresentar o sofrimento pela perda: “A um canto, com a cabeça entre as mãos, a viúva, o semblante tristonho, os olhos vermelhos de chorar. Parece, de fato, sofrer muito. Sem se levantar, dá a mão aos recém-chegados e torna a baixar a cabeça, muda e imóvel.” (POTYGUARA, 197-, p. 36). Apesar disto, é necessário lembrar que esta personagem finda *carregada* por Lucas (197-, p. 39) como mais uma propriedade de Gonçalo. Diante disto, esta seria a *história única*¹⁵ por grande parte das mulheres em seringais, segundo a narrativa contada por alguns historiadores.

Virginia Woolf (2014) manifesta a visão de uma mulher inglesa no fim do século XIX sobre o seu próprio tempo e do passado, Kate Millett (2016) expõe as suas reflexões de uma mulher norte-americana no século XX. Em um contexto diferente de Woolf e Millett, na literatura de José Potyguara (197-; 2007), vemos personagens femininas distintas das que seriam esperadas de um escritor; o protagonismo e a força destas mulheres instigam o questionamento sobre a realidade das mulheres no seringal. Obviamente, Potyguara não está isento da visão que é criticada por Woolf e Millett, pois apesar de mostrar personagens que fogem ao padrão de *homem-escritor-personagens-mulheres-submissas*, ele também mostra que algumas mulheres ainda são alvo de objetificação, como é no caso do conto *Evas*. A questão é que não podemos saber ao certo o que Potyguara realmente quis passar ao criar estas personagens e o enredo de cada história; trata-se de uma dedução em relação ao que ele escreveu.

¹⁵ A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que eles não são verdadeiros, mas que são incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história. [...] Eu sempre senti que é impossível se envolver adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias desse lugar e dessa pessoa. A consequência da história única é a seguinte: rouba a dignidade das pessoas. Isso dificulta o reconhecimento de nossa humanidade igual. Ele enfatiza como somos diferentes, e não como somos semelhantes (tradução própria). (ADICHIE, 2009)

Segundo Antônio Cândido ¹⁶(1918 - 2017), em *A personagem de ficção* (2007), a personagem é um ser fictício que, na criação literária, pode “comunicar a manifestação da mais lídima verdade existencial” (CÂNDIDO, 2007, p. 55). Desta forma, trata-se da manifestação da relação entre o ser vivo e o fictício. Tanto no conto *Evas* quanto no conto *Noivado comercial*, percebemos que as personagens criadas por Potyguara expressam uma determinada aproximação com a realidade.

Em *Evas*, Potyguara evidencia a história das mulheres no seringal, mas uma história genérica. *Evas* seriam as mulheres sem nome e sem destino próprio; como se fossem invisíveis e filhas do fardo da submissão. Neste conto, o seringueiro enriquece, toma a mulher viúva para si e as propriedades do outro que faleceu, já que a mulher não teria nada para si. *Noivado comercial* tem uma narrativa diferente; Izaura escolhe o seu destino e quebra a força do patriarcado sobre a sua vida. Esta personagem é subjugada pelos negócios do pai e do pretendente, mas consegue romper com o fardo imposto sobre ela.

4. UM ENCONTRO ENTRE O PÓS-COLONIAL E O FEMINISMO

A pesquisadora na área do feminismo Susana Funck¹⁷, em *corpos colonizados, leituras feministas* (200-) aborda as afinidades entre os estudos pós-coloniais e a crítica feminista. Funck comenta sobre a relação entre o pós-colonialismo e o feminismo na ocupação de novas subjetividades para os que se encontram em condições subalternas (p.77). Em outra época, Woolf (2014), já questionava as condições de subalternidade existentes tanto na literatura quanto na realidade. Segundo Woolf, as mulheres têm servido há séculos como espelhos para aumentar a figura dos homens, ao ponto destes homens se convencerem de uma certa semelhança com algo divino (p. 54), mas pelo que analisamos, não é bem isso o que Potyguara faz em *Sapupema* (197-).

Em *Terra Caída* (2007), por exemplo, José Potyguara também não se mostra um escritor como Henry Miller, em *Sexus* (1949), ¹⁸apontado por Kate Millett (2016) como uma obra em que a mulher é representada somente como objeto de prazer para o

¹⁶ Antônio Cândido (1918 – 2017) foi um professor, escritor, sociólogo e crítico literário brasileiro.

¹⁷ Susana Funck possui Bacharelado em Inglês pelo Mount Holyoke College, Estados Unidos (1968), Bacharelado em Tradutor-Intérprete pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1976), Mestrado em Inglês pela Universidade do Texas em Arlington (1979) e Doutorado em Humanidades / Literatura pela Universidade do Texas em Arlington (1982). Foi professora de Literaturas de Língua Inglesa no Programa de Pós-Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina, de 1984 a 1996. Lecionou no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, na área de Linguística Aplicada, com ênfase em Análise Crítica do Discurso. Em 2009, voltou à Universidade Federal de Santa Catarina, onde atuou novamente como professora de literaturas de língua inglesa e pesquisadora na área de feminismo e estudos de gênero até 2014.

¹⁸ O livro, publicado em 1949, é o primeiro volume da trilogia *A crucificação rosada: os outros dois são Plexus*, de 1953, e *Nexus*, de 1959. Henry Miller foi considerado um autor maldito, seus livros circulavam clandestinamente devido à censura.

homem. Da mesma forma que em *Terra Cáida* (2007), a narrativa sobre as mulheres presentes nos dois contos de Potyguara, em *Sapupema* (197-), representam uma forma *re(a)apresentação* (FUNCK, 200-, p. 77) da figura da mulher; como uma quebra da história única descrita por Chimamanda Adichie ¹⁹.

Da mesma forma que o feminismo busca desconstruir representações assimétricas, o pós-colonialismo questiona as construções de valores da cultura e sociedade ocidental. Os professores e pesquisadores Miguel Nenevé ²⁰e Sônia Sampaio ²¹discursam sobre o sentido do pós-colonial:

Mais adiante, esclarece-se que o pós-colonial tem sentido de “contra” a colonização, significando então “anticolonial”. Pós-colonial, para nós, se refere quase sempre, a algo contra o colonialismo, ou ainda a algo que promove discussões sobre o fardo do colonialismo bem como a todo tipo de opressão. (NENEVÉ; SAMPAIO, 2016, p. 13-14)

Desta forma, a opressão sobre as mulheres torna-se parte da agenda do pós-colonialismo, como uma espécie de fardo colonizador imposto por outros. Esta imagem única de como as mulheres devem ser ou a história única de opressão sobre as mulheres retoma a perspectiva de Albert Memmi (1977) sobre o retrato mítico do colonizado imposto pelo colonizador. O intelectual pós-colonial diz: “Assim como a burguesia propõe uma imagem do proletário, a existência do colonizador reclama e impõe uma imagem do colonizado.” (MEMMI, 1977, p.77). O escritor martinicano Aimé Césaire ao escrever sobre a situação da colonização em *Discourse on Colonialism* (2000) destaca, primeiramente, os problemas de uma civilização doente. Segundo Césaire:

A civilization that proves incapable of solving the problems it creates is a decadent civilization. A civilization that chooses to close its eyes

¹⁹ Chimamanda Adichie é uma feminista e escritora nigeriana, nasceu em Enugu, em 1977. É conhecida pelas obras *Half of a yellow sun* (2006), *Americanah* (2013), *Purple Hibiscus* (2003), entre outros trabalhos. Em um Tedtalk, Adichie discursa sobre o perigo da história única.

²⁰ Miguel Nenevé é pesquisador CNPq nível 2. Graduado em Letras (Inglês e Português) pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1982) e em Estudos Sociais pela Fundação Educacional da Região de Jaraguá do Sul - UNERJ (1980). Possui mestrado em Letras (Literatura Anglo-Americana) pela Universidade Federal da Paraíba (1986) e doutorado em Letras (Inglês e Literaturas Correspondentes) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996). Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal de Rondônia e desenvolve pesquisa nos seguintes temas: literatura canadense, literatura na Amazônia, discurso, educação, pós-colonialismo.

²¹ Sônia Sampaio é professora associada da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Docente desde 1992. cursou Graduação em Letras/UNIR, Especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica -PUC-MG, Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e Doutorado em Educação Escolar no eixo de Gestão e Políticas Públicas pela Universidade Estadual Paulista (2010). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura, Educação, Estágio, Memória, Pós-colonialismo, narratologia.

to its most crucial problems is a stricken civilization. (CÉSAIRE, 2000, p. 31)²²

A inferiorização, dominação, subalternidade e violência impostas às mulheres são um problema e uma forma de colonização sobre o outro, pois se trata de uma opressão. Segundo Césaire, não há valor humano na colonização (2000, p. 34). Assim, expor, estudar e denunciar a *história única* torna-se um trabalho de extrema significância para a sociedade.

Em um trecho do conto *Evas*, fica claro como os seringueiros viam as mulheres: era uma questão de posse. Portanto, através das nossas leituras e interpretações, este conto direciona-se para contar a história genérica das *Evas* no seringal: “Quando falecia um seringueiro casado, devendo ao patrão, este se apossava da mulher, como caução da dívida” (POTYGUARA, 197-, p. 32). E no mesmo conto confirma-se a objetificação da mulher: “- Deus me livre! Mulher, nestas paragens, é objeto de luxo e só serve p’ra tirar o sossego da gente!” (POTYGUARA, 197-, p. 34).

O gênero dentro da perspectiva do feminismo de Judith Butler²³ em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), critica a questão sexo/gênero, assim como Pierre Bourdieu (1930 - 2002). Entendemos que ambos defendem a ideia de gênero ser um efeito. Butler argumenta o fato de que o gênero não é produto do sexo, não é algo intrínseco ao sujeito. Assim como Simone de Beauvoir²⁴ (1908 – 1986) expressa que **não se nasce mulher, torna-se mulher** (1967, p. 9). A filósofa também fomenta a independência da mulher ante ao homem e a proximidade da destruição do mito do *eterno feminino*.

Em *A dominação masculina* (2002), Pierre Bourdieu²⁵ discursa sobre a construção social dos corpos e traça o esquema sinóptico das oposições entre masculino e feminino; dicotomias que classificam e polarizam a relação de dominação através de termos como: masculino/feminino, pobre/rico, alto/baixo, úmido/seco, cheio/vazio, direita/esquerda, fogo/água, dentre outras. Esta seria a violência simbólica que induz os sujeitos a perpetuarem o padrão do discurso dominante de maneira dissimulada.

Em excertos dos contos de Potyguara vemos que as mulheres são vistas como posse, destinadas ao casamento (ao mesmo tempo destinadas aos espaços privados) e respondem ao padrão de entendimento do gênero ligado ao sexo. Por exemplo, o

²² Uma civilização incapaz de resolver os seus problemas é uma civilização decadente. Uma civilização que escolhe fechar os seus olhos para os seus problemas mais cruciais é uma civilização atingida (tradução própria).

²³ Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, principal teórica contemporânea sobre o feminismo e questões de gênero.

²⁴ Simone de Beauvoir (1908 – 1986) foi uma escritora, filósofa e ativista política. Autora da obra *O segundo sexo*, uma análise da opressão das mulheres, fundamental para o feminismo contemporâneo.

²⁵ Pierre Bourdieu (1930 – 2002) foi um sociólogo, filósofo e antropólogo francês.

personagem sírio comenta sobre as características físicas de Izaura, em *Noivado comercial*, o que ressalta a ideia da mulher objetificada: “Morena bonitinha, muito zimpática!” (POTYGUARA, 197-, p. 105).

Há também a questão de que o homem mexe com o coração das *mocinhas*. A ideia remete ao que Woolf aponta em seu ensaio sobre o homem se ver como semelhante ao divino e irresistível.

Seringueiro trabalhador, rapagão forte e desempenado, peito largo e olhar franco, mais simpático do que bonito, Ricardo é o ideal de todas as moças daquela redondeza. Além do físico insinuante, possui outra qualidade que é um fascínio: toca viola e canta admiravelmente. Ninguém melhor do que ele dedilha o mágico instrumento. (POTYGUARA, 197-, p. 105)

Há uma insistência na ideia de fragilidade das mulheres – são apenas *mocinhas*. Outro trecho que mostra essa situação: “E, quando em noite de luar, ele entoia uma canção sentimental, sua voz tem tal meiguice, um quê de enternecedor, um feitiço, mexendo com o coração das *mocinhas*...” (POTYGUARA, 197-, p. 105).

Mesmo assim, no conto *Noivado Comercial*, ao invés de seguir o caminho que é esperado para as mulheres pelos valores impostos na sociedade, e se prender ao patriarcado, perpetuar a dominação masculina sobre as mulheres, a personagem Izaura (que ao final do conto, até muda de nome e torna-se Isaura), toma um rumo diferente. O trecho abaixo demonstra o teor do sentimento de posse que o pai tem sobre a filha:

- Pois há de casar com o turco, porque eu quero! Eu bem sei dos amores de Isaura pelo Ricardo, um seringueiro à toa, um banga-la-fumenga sem vintém! Sei também que você alcovita esse namoro! Pois bem: amanhã vou dar o “sim” ao Elias. Você que trate de convencer sua filha. O casamento se fará, quer queiram que não. E, depois, se você, ela e Ricardo não gostarem, que vão para o diabo que os carregue! E sai batendo a porta com força. (POTYGUARA, 197-, p. 114)

Apesar de ela fugir para se casar com outra pessoa - escolha da personagem – o destaque desta narrativa está no afastamento da dominação do pai; quem personifica o patriarcado e quem daria continuidade à subalternidade da filha.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a breve análise histórica das mulheres no ocidente, podemos ver que há uma narrativa tendenciosa à subjugação das mulheres. À luz da leitura dos textos de Carla Garcia (2015), Mary Beard (2018), Silvia Federici (2017), entre outras autoras, é possível discorrer sobre como as mulheres ainda são vistas como o *Outro* – de Si-

mone de Beauvoir (1970). A significação de inferioridade desse *Outro* esteve à espreita tanto na história de países além Oceano Atlântico - como na caça às bruxas em países europeus - quanto no Brasil durante diversos períodos históricos, possivelmente, até hoje.

O pensamento de polarização entre situações de classificação entre feminino e masculino integra as questões de gênero no feminismo. Butler mostra que gênero é uma construção social e Bourdieu aponta como funciona o mecanismo de dominação masculina a partir dos problemas de gênero. Então, vemos que no conto *Noivado comercial* de Potyguara, apesar de Izaura fugir ao final do conto para se casar com outro homem – decisão da personagem – há a quebra da subalternidade de Izaura, da dominação do patriarcado e da imposição da construção do pensamento que a mulher deve acatar as ordens e ser submissa.

Os estudos pós-coloniais, de acordo com Funck (200-), atuam no questionamento dos valores culturais e sociais, e, segundo Nenevé e Sampaio (2016) na promoção de discussões sobre todo o tipo de opressão. Desta maneira, entendemos que, apesar da distância entre os períodos históricos analisados – referentes aos contos de Potyguara referentes ao início do século XX e fim do século XIX, mas escritos na década de 60, 70 e aos textos de Virginia Woolf (2014), Cristina Wolff (1999), Kate Millet (2016), dentre outras – ainda há casos de injustiça, violência, falta de direitos e assimetrias quanto a visão sobre as mulheres. Assim, estes textos e estudos corroboram com a perspectiva de levantar questionamentos e discussões sobre as opressões a fim de despertar alguma mudança.

Potyguara (197-) carrega uma influência a favor das mulheres. Tanto que a questão da personagem, de Antônio Cândido (2007), confere credibilidade à ideia de que as narrativas do autor podem refletir a realidade. Ou seja, no seringal, as mulheres estavam limitadas como no conto *Evas*, ou como Arthur Reis (1953) apresenta, ou Leandro Tocantins (1979) relata, porém, elas também estiveram lá, presentes e atuantes no cotidiano, no trabalho doméstico e na produção da borracha, em família ou no trabalho sexual, como mostra Wolff (1999) e Potyguara (197-; 2007).

O conto *Evas* apresenta a história genérica das mulheres no seringal. Podemos analisar que esta seria a história única sobre as mulheres, de acordo com Adichie. Há a ideia de que as filhas de Eva ainda carregam o pecado original da culpa e estão fadadas ao destino de subalternidade, mas, ao mesmo tempo, Potyguara apresenta outra visão, outro mundo: as mulheres que conquistam o seu próprio destino e fazem suas próprias escolhas, como no conto *Noivado comercial* e outras narrativas.

A partir desta pesquisa, notamos uma descolonização do conhecimento (PRATT, 1999) e desenvolvimento da criticidade com o propósito de contestar práticas contra as mulheres (ou qualquer outra opressão) que se estendem aos dias atuais. Se é uma questão de denúncia ou não, ou se Potyguara tem uma visão machista e patriarcalista sobre mulheres objetificadas, não sabemos. Apenas entendemos que, por Potyguara apresentar esta outra mulher – diferente e protagonista da própria história – o teor do seu discurso é transformado. Assim, o escritor desperta um questionamento sobre discursos que são contrários às mulheres.

Há uma desconstrução das mulheres como personagens escritas por homens, por exemplo, a história de Izaura destoa das narrativas que Woolf (2014) e Millett (2016) denunciam. Concluimos que José Potyguara expõe uma visão expandida da vida e do mundo. Enquanto historiadores relatam que nos seringais, ou as mulheres eram inexistentes, ou só se mantinham nas barracas como domésticas e prostitutas - em sua ficção, José Potyguara apresenta personagens com vozes e protagonismos, mulheres que tomam suas próprias decisões, como também exposto pela historiadora Cristina Wolff (1999).

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **The danger of a single story**. Disponível em <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en>. Acesso em: 30 jun. 2019. 10:33:50.
- BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- _____. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner – 2ªed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. A personagem do Romance. In: ROSENFELD, Anatol. CÂNDIDO, Antônio. PRADO, Délcio de Almeida. SALLES, Paulo Emílio. **A Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CASTRO, José Ferreira de. **A Selva**. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.
- CÉSAIRE, AIMÉ. **Discourse on Colonialism**. Trad. Joan Pinkham. New York: Monthly review press, 2000.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FUNCK, Susana. **Corpos colonizados, leituras feministas**. Disponível em: <<http://www.pglettras.uerj.br/vozharroutro/volume003/artigo8.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2020.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015. 120 p.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MILLETT, Kate. **Sexual Politics**. New York: Columbia University Press, 2016.
- NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. Pós-colonialismos: promovendo diálogos. In: FERREIRA, Carlos Alberto Wesing; PISSINATTI, Larissa Gotti; FERREIRA, Uryelton de Sousa. (Org.). **Pós-colonialismo: uma leitura política dos textos literários**. São Carlos: Scienza, 2016.
- POTYGUARA, José. **Sapupema: contos amazônicos**. IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS, 197-.
- _____. **Terra Caída**. Rio de Janeiro: Globo, 2007.
- PRATT, Mary Louise. Entrevista com Mary Louise Pratt. [Entrevista concedida a] Bianca Soares e Orlando Costa. **Revista Habitus**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-7, nov. 2005.
- _____. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante? In: VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Org.). **Literatura e História: perspectivas e convergências**. Bauru, SP: Edusc, 1999. p. 17-54.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA, 1953.

TELES, Maria Amélia. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TOCANTINS, Leandro. **Formação histórica do Acre**. 2 vols. Edição comemorativa do centenário de Plácido de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, vol. I, p. 166.

WOLFF, Cristina S. **Mulheres da floresta**: Uma história Alto Juruá, Acre (1890 – 1945). São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Mulheres da Floresta**: outras tantas histórias. UFPA: Revista Estudos Amazônicos, vol. VI, nº 1, 2011, p. 21-40.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.



Who are the women in *Sapupema* by José Potyguara? An encounter between feminism and postcolonialism

ABSTRACT:

Reading *Sapupema* (197-), a compilation of short stories written by Potyguara, means finding the constant presence of female characters and stories that lead the reader to a deviation of common sense about women. It is possible to analyze who these women are through feminism and postcolonialism. Considering these perspectives, we examine the (de)construction of gender and the polarization of masculinity and femininity; as well as subalternity and the danger of the single story. Thus, the analyses of two short stories from *Sapupema* stimulate questions about the narratives. As a result, we see that Potyguara's speech becomes a denunciation due to the fact that it raises questions about a narrative against women.

KEYWORDS:

Sapupema;
Feminism;
Postcolonialism;
Literature;